

# A INSERÇÃO DA LITERATURA POPULAR NOS CURSOS DE LETRAS <sup>1</sup>

**Josivaldo Custódio da SILVA (UPE - Campus Mata Norte) <sup>2</sup>**  
**Pós-Doutorando em Teoria da Literatura pelo PPGL/UFPE**

## RESUMO

Historicamente, sabe-se que a Literatura Popular esteve ausente do contexto escolar, passando ao largo da sala de aula e dos currículos e, principalmente, das grades de formação dos professores de Letras. Mas hoje, já podemos perceber, esboçado no horizonte, uma mudança nessa prática, pois, apesar da temática ser ainda incipiente nos manuais didáticos, a escolarização da Literatura Popular (Poesia, Prosa e Teatro) já é uma demanda das políticas públicas. Partindo da vivência como professor e de pesquisas voltadas para o trabalho com os gêneros da Literatura Popular na escola, propomos a inserção desta arte no currículo dos cursos de Letras bem como alguns procedimentos e sugestões de atividades neste setor, sobretudo, com a Literatura de Cordel. Fundamenta-nos para esta proposta estudos como os de Pinheiro e Marinho (2012), as DCCL (2001), as OCEM (2006) e SILVA (2007).

**PALAVRAS-CHAVE:** Currículo de Letras. Cultura Popular. Literatura e Ensino.

## 1. INTRODUÇÃO

Sobre a Literatura Popular, deparamo-nos constantemente com questionamentos no que diz respeito à Literatura de Cordel, à Cantoria de Repente, ao Romanceiro, ao Cancioneiro, ao Conto e ao Teatro Popular entre outros gêneros orais e escritos. Muitas vezes, percebemos deficiências na valorização da Literatura Popular enquanto cultura e expressão viva de um povo. O Nordeste brasileiro é uma das regiões que mais valoriza essa arte popular, mesmo sabendo que ainda existam muitos descasos e desconhecimento sobre a arte popular. Alguns estudos ignoram completamente a sua relevância no processo de representação e simbolização da cultura, ao alicerçar nossos traços identitários, como também, ao ser utilizada apenas como instrumento de crítica social e material lúdico, excluem o fazer estético ou a literariedade.

---

<sup>1</sup> Este artigo é um resultado parcial da pesquisa do meu Pós-Doutoramento em Teoria da Literatura, com ênfase em Literatura Popular pelo PPGL/UFPE, sob a supervisão do Prof. Dr. Lourival Holanda.

<sup>2</sup> Professor de Literatura Popular e Literatura Brasileira do curso de Letras da FFPNM (UPE - Campus Mata Norte). Doutor em Literatura e Cultura pelo PPGL/UFPE.

Uma das interrogações acerca da poesia, prosa e teatro oral/popular é justamente a discriminação dessa arte, por parte de muitos estudiosos, talvez por ser a Literatura Popular oral ou escrita, uma criação do povo, não canônica, muitas vezes produzida por pessoas simples, humildes, sem muito grau de estudo. No entanto, é bom lembrar que atualmente esse tipo de literatura está sendo cultivada por pessoas que têm escolaridade, inclusive com ensino superior, sem mencionar os poetas e romancistas eruditos que beberam e ainda bebem na fonte da Literatura Popular para compor suas criações.

Poderíamos tomar como exemplo de valorização da Literatura Popular a maneira como a poesia canônica e a Cantoria de Repente estão presentes na escola e na memória do povo de São José do Egito-PE, revelando o quanto essa arte é valorizada naquela região do Vale do Pajeú. Outra observação importante é perceber que a Literatura de Cordel ocupa espaços nas escolas, nas bancas de revistas e feiras, narrando histórias e acontecimentos elaborados artisticamente pelos cordelistas. Porém, mesmo sabendo disso, percebemos que ainda há o que se fazer para que as pessoas conheçam mais e melhor os gêneros e a diversidade de subgêneros da Literatura Popular no Brasil, que, no geral, são ignorados no espaço escolar e em muitas graduações em Letras. Outro elemento importante a ser destacado é que apenas uma parte do gênero poesia (poema popular e cordel) é mais trabalhada na sala de aula, em detrimento de outros gêneros. Sendo assim, ficam de fora do contexto escolar, muitas vezes, o ensino da prosa e do texto dramático popular, tanto na versão oral quanto escrita. Também ficam de fora de pesquisas e ensino na sala de aula até mesmo o romanceiro e boa parte do nosso cancionário que fazem parte do gênero poesia.

Pesquisar sobre o ensino de Literatura Popular nos cursos de Letras é, portanto, um trabalho pioneiro no Brasil e esperamos que contribua para a ampliação e obrigatoriedade da inserção dessa disciplina na grades curriculares desses cursos.

## **2. O PORQUÊ DA LITERATURA POPULAR EM LETRAS**

Historicamente, sabe-se que a Literatura Popular esteve ausente do contexto escolar, passando ao largo da sala de aula e dos currículos e, principalmente, das grades de formação de professores de Letras. Mas hoje, já podemos perceber, esboçado no horizonte, uma mudança nessa prática, pois, apesar da temática ser ainda incipiente nos manuais didáticos, a escolarização da Literatura Popular já é uma demanda das políticas públicas, e é, sobretudo, uma demanda do cidadão ter o conhecimento de expressões variadas de sua arte e cultura.

Diante disso, esse estudo se justifica por abordar o ensino da Literatura Popular na graduação de Letras.

Se por um lado, e por ser literatura, como afirma Antonio Candido (1987), a literatura é humanizadora, trazê-la adjetivada assim de “popular” é valorizar a diversidade de nossa memória, a oralidade poética (ZUMTHOR, 1997), os imaginários sociais (mito, utopia), ideologia e a identidade cultural que carecem de estudos e sistematizações que envolvam a formação das novas gerações. Do ponto de vista teórico, os estudos em Literatura Popular que sustentam nossa ação aqui, representam, hoje, uma mudança de foco na construção dos conteúdos do saber e conteúdos de ensino-aprendizagem. Desde as reflexões e desdobramentos que reverberaram, nos diversos campos do saber, da *Escola dos Anais*, a Literatura, assim como outras áreas de conhecimento (e disciplinas escolares), já não se sustenta mais sob o olhar fixo, rígido e parcial dos conteúdos e categorias construídos “de cima”, sem contato com o chão da atividade cultural que pretende compreender. Mesmo que, ao fim e ao cabo, a categoria “popular” seja, deveras, uma categoria erudita, conforme afirma Chartier (1995). Colocar em cena a relação entre o cânone e a Literatura Popular, trazendo um conteúdo represado desde sempre (e ainda hoje), mas sempre pulsante e vibrante, “de dentro”, do cotidiano das camadas mais distantes dos centros de decisão e poder para o estudo/ensino/aprendizagem da história e da estética da literatura justifica-se porque promove a democratização dos saberes e manifestações artísticas e culturais silenciadas, bem como projeta a diversidade em espaços refratários. É por em prática o que Bakhtin (1999) chamou de “circularidade cultural”.

Essa defesa da inserção da Literatura Popular nos cursos de Letras, tomamos como ponto de partida o que dizem as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras (2001):

Considerando os diversos profissionais que o curso de Letras pode formar, os conteúdos caracterizadores básicos devem estar ligados à área dos **Estudos Linguísticos e Literários**, contemplando o desenvolvimento de competências e habilidades específicas. Os estudos linguísticos e literários devem fundar-se na percepção da língua e da literatura como prática social e como forma mais elaborada das manifestações culturais. Devem articular a reflexão teórico-crítica com os domínios da prática – essenciais aos profissionais de Letras, de modo a dar prioridade à abordagem intercultural, que concebe a diferença como valor antropológico e como forma de desenvolver o espírito crítico frente à realidade. (Grifos dos autores).

Há tempos, desde os anos setenta, que o ambiente acadêmico da Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Letras e até em outras áreas de conhecimento (Antropologia, Sociologia,

Comunicação, Artes, História e Música) vem estudando e pesquisando o universo complexo da Literatura Popular. No entanto, nas graduações dos cursos de Letras, até o presente, percebemos que a Literatura Popular quase não existe nas grades curriculares de Letras de instituições espalhadas pelos estados do Nordeste; quando disponibilizada, é apenas como disciplina optativa e com abordagem maior ao gênero poesia, destacando-se principalmente a Literatura de Cordel, embora muitas outras obras da Literatura Popular também mereçam destaque no âmbito da pesquisa e ensino.

De acordo com as DCCL (2001) “Os estudos lingüísticos e literários devem fundar-se na percepção da língua e da literatura como prática social e como forma mais elaborada das manifestações culturais.” E as mais diversas manifestações artísticas e literárias do universo da Cultura e da Literatura Popular estão contidas na “prática social” e nas “manifestações culturais”.

Esperamos que tal disciplina, em breve, seja bastante difundida nos cursos de Letras do Nordeste e do Brasil, uma vez que esses cursos superiores tem como objetivo acadêmico formar alunos comprometidos e capacitados com a diversidade lingüística, artística, literária e cultural da nossa sociedade e de cada região, seja no âmbito erudito ou popular. Semelhante as grandes universidades americanas que no âmbito da Literatura Popular, há um bom tempo, já “incluíram a Literatura Oral nas suas cátedras, no estudo de idiomas, antropologia, literatura comparada ou música, em Berkeley, Colúmbia, Harvard, Indiana, North Carolina, Pennsylvania, Princeton, Richmond, Stanford, etc.”, conforme comenta Cascudo (2006, p. 24).

A Literatura Popular não é apenas do Nordeste, não existe apenas nessa região, existe nas outras regiões do Brasil e no mundo. Sabemos que a Literatura Popular Brasileira surgiu no Nordeste a partir da colonização, mas depois se espalhou por todo país, Sudeste, Sul, Centro Oeste (com as narrativas orais) e Norte (com os mitos e lendas amazônicas). Nessas regiões, ela também se manifesta de várias formas e gêneros, seja escrita ou oral, características peculiares da Literatura Popular. Como por exemplo, o repente (a poesia improvisada), essa forma de fazer versos não existe apenas no Nordeste, como a Cantoria de Repente, mas o Calango (Minas Gerais), Cururu (São Paulo), Samba de Roda (Rio de Janeiro) e as Trovas Gaúchas (Rio Grande do Sul) e o próprio cantor de rap, ou seja, todas essas manifestações representam muitas maneiras de fazer improvisado, cada um com suas respectivas especificidades. Além do repente, muitos outros subgêneros da Literatura Popular se encontram espalhados pelo Nordeste e pelo Brasil, como o Cordel, o Romanceiro, o

Cancioneiro, o Conto Tradicional Popular, o Teatro Popular (exemplo, o mamulengo), enfim, uma variedade enorme de estilos e subgêneros no universo da nossa Literatura Popular e que para o público acadêmico, principalmente o graduando em Letras, é importante sair da faculdade tendo o mínimo de domínio da manifestação literária popular.

Por tudo isso, acreditamos que essa disciplina nos cursos de Letras deva ser tratada com atenção, tendo uma carga horária decente para contemplar todo o universo da Literatura Popular (gêneros, obras e autores). Embora ainda sejam poucos, sabemos que no Brasil alguns cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras (UFPB, UFCG, UEPB, UFC, UERN, UFBA, UEFS, UNICAMP, USP) sempre existem trabalhos e pesquisas voltadas para a Literatura Popular. Dentre todos, merece ser destacado o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB que possui um programa específico para se estudar e pesquisar a Literatura Popular e seus vários gêneros, nas modalidades escrita e oral, o Programa de Pesquisa em Literatura Popular – PPLP, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria de Fátima B. de Mesquita Batista. Queremos, aqui, também justificar que esses alunos oriundos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* e que tiveram suas pesquisas voltadas para a Literatura Popular, geralmente vão para o ensino superior (graduação) e quase não encontram nas grades curriculares de Letras, disciplinas e espaço para ensino e pesquisa sobre tal literatura. Deveria existir, igualmente, como já existe para as Literaturas Brasileira e Portuguesa que, tradicionalmente, já possuem uma carga horária obrigatória. Muito embora, ainda pequena para a quantidade de conteúdos que devem ser contemplados por tais disciplinas, principalmente quando o curso é de dupla licenciatura. Sem mencionar, que, por incrível que pareça, alguns cursos particulares de Letras possuem apenas uma cadeira para cada literatura (brasileira e portuguesa), com vistas em formar de maneira mais rápida o aluno, e assim, excluem do curso o compromisso de formar alunos realmente preparados para com o ensino não apenas de literatura, mas também de outras disciplinas que são comprometidas pelas reduzidíssimas cargas horárias.

Pensamos que sem uma disciplina de Literatura Popular nas grades curriculares dos cursos de Letras no Brasil, fica difícil para o aluno, depois de formado, saber definir, ensinar e pesquisar a Literatura Popular e seus vários gêneros, nas modalidades escrita e oral, incluindo o material teórico-analítico que é usado pelos especialistas e estudiosos da Literatura Popular oriundos das Pós-Graduações *Stricto Sensu*.

A partir de várias leis adotadas pelo Ministério da Educação-MEC, como a LDB Lei nº 9.394/96, as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura plena, de graduação plena”, as DCCL (2001),

os PCN+ Ensino Médio (2002) e, principalmente as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), o panorama das grades curriculares foram aos poucos tendo formatos diferenciados, entretanto, sem excluir as disciplinas básicas já existentes para a formação de um curso de Letras e adaptando-se para uma melhor formação do graduando em Letras. O aluno formado em Letras, de acordo com as propostas das OCEM (2006), uma vez que o aluno de Licenciatura Plena em Letras está, de fato, habilitado para lecionar, exclusivamente, nos ensinos fundamental e médio, e precisa ter domínio não apenas da literatura canônica, mas também da Literatura Popular, bem saber fazer investigações sobre a arte literária.

Existe nas OCEM um questionamento no que diz respeito ao texto literário e não-literário, valor cultural e valor estético. Segundo as OCEM (2006, p. 56): “Qual seria então o lugar do *rap*, da literatura de cordel, das letras de músicas e de tantos outros tipos de produção, em prosa ou verso, no ensino da literatura? Sem dúvida, muitos deles têm importância das mais acentuadas [...]”. E mais adiante (OCEM, 2006, p. 57) afirmam: “(...) certamente deverão ser considerados no universo literário: Patativa do Assaré, por exemplo, e tantos outros encontrados no nosso rico cancionário popular.” Essa defesa dos PCN em prol da Literatura popular como arte literária se dá pelo fato dos textos dessa literatura possuírem estética. Dessa forma, não é concebível a ausência da Literatura Popular nas aulas de literatura, principalmente quando se trata de ensinar a literatura voltada para o conhecimento de vida e realidade sócio-cultural do aluno. De acordo com as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras (2001):

O objetivo do Curso de Letras é formar profissionais **interculturalmente** competentes, capazes de lidar, de forma crítica, com as **linguagens**, especialmente a verbal, nos contextos oral e escrito, e conscientes de sua inserção na sociedade e das relações com o outro.

Independentemente da modalidade escolhida, o profissional em Letras **deve** ter domínio do uso da língua ou das línguas que sejam objeto de seus estudos, em termos de sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais, além de ter consciência das variedades lingüísticas e **culturais**. (Grifos nossos).

Percebemos a importância dada ao conhecimento acerca das linguagens, principalmente articuladas como as manifestações culturais. O que é Literatura Popular? É uma manifestação literária, bem como simboliza uma manifestação cultural. É bom percebermos que as Diretrizes não destacam a cultura erudita, mas sim, enfatiza a cultura de uma forma geral. Por isso, é bom pensarmos no que afirma Peter Burke (1989: p. 20-21) “A fronteira entre as várias culturas de povo e as das elites (e estas eram tão variadas quanto

aquelas) é vaga e por isso a atenção dos estudiosos do assunto deveria concentrar-se na interação e não na divisão entre elas.” Em outras palavras, é o que Bakhtin (1999) chamou de “circularidade cultural”, e que revela uma relação de reciprocidade entre o popular e o erudito, ou seja, o popular consegue, à sua maneira, “beber” na fonte do erudito e vice versa, conforme também é discutido na obra *O queijo e os vermes* (1987), de Carlo Ginzburg. No item *Competências e Habilidades*, dentre outras, as Diretrizes afirmam que o aluno de Letras precisa ter o “domínio dos conteúdos básicos que são objeto dos processos de ensino e aprendizagem no ensino fundamental e médio”, ou seja, as OCEM (2006, p. 56-57) estão em consonância com as DCCL (2001) quando mencionam que os textos populares devem ser levados para a sala de aula.

No caso específico da Literatura Popular, propomos que o aluno saiba estudar e analisar essa arte, levando em consideração o contexto social, lingüístico e cultural no qual o autor popular e sua obra se insiram, como também as obras orais anônimas, percebendo o valor estético existente na Literatura Popular igualmente como na Literatura Canônica, mesmo existindo características e produções diferentes.

Sob esse prisma, essa Literatura Popular traz marcas das relações sociais (comportamentos, crenças, valores) daqueles que produzem, ou seja, são documentos que deixam transparecer a visão de mundo de um povo cujos valores culturais ainda se mantêm vivos, valores da cultura popular, porque segundo Alfredo Bosi (1987, p. 43) “não existe nenhuma cultura tão arraigadamente tradicional quanto a cultura popular.” Por isso, ao analisar poesias, contos e teatro de caráter popular, devemos, inicialmente, levar em consideração a sociedade na qual são produzidos, uma vez que pertencem a um contexto sócio-cultural historicamente determinado. Esse procedimento permite enxergar o fazer popular como processo dinâmico, atual; não como algo anacrônico, uma simples sobrevivência, resquícios do passado no presente, como afirma Cascudo (1967) e (1939). Segundo Antonio Arantes (1983, p. 20-21) “Parecem-me equivocadas as concepções, amplamente difundidas, tanto entre leigos, quanto entre muitos especialistas, que podem ser condensadas nas seguintes frases: ‘o povo não tem cultura’, ou ‘a cultura popular são as nossas tradições.’” Porque ainda de acordo com Arantes, não há como preservar os elementos do passado, sem ocorrer “mudança de significado” (contexto); por isso precisamos pensar “a cultura no plural.” (Idem., p. 22). E como afirma Ignez Ayala (2006, p. 95) “(...) a cultura popular é um fazer dentro da vida.” Essa cultura acontece juntamente com o povo, através de tradições que são cultuadas e modificadas de acordo com o contexto social da comunidade na

qual ela está inserida, porém, a essência matricial de uma manifestação popular continua presente.

A Literatura Popular, ao veicular elementos culturais, identitários, imaginários, ideológicos e históricos do Nordeste e do Brasil, consegue representar de maneira legítima, as “engrenagens” sociais de cada região. Nesse sentido, representa para o Brasil, uma manifestação de caráter estético, artístico e lúdico; a Literatura Popular é a expressão de uma prática cultural, a reatualização de uma memória coletiva que se materializa, muitas vezes, através da própria oralidade.

A seguir, iremos mostrar que em algumas graduações de Letras existem espaço para a Literatura Popular, embora seja como optativa, mas, mesmo assim, quando ofertada – embora geralmente abordem apenas um gênero –, possibilita aos graduandos e futuros professores uma melhor preparação para o ensino com efetiva propriedade dessa literatura nos ensinamentos fundamental e médio.

### **3. A PRESENÇA DA LITERATURA POPULAR NOS CURSOS DE LETRAS NO NORDESTE: RESULTADOS PRELIMINARES**

Ao longo da pesquisa, estamos percebendo a ausência da disciplina Literatura Popular em muitos cursos de Letras no Nordeste, por isso é que esse estudo se caracteriza como uma possibilidade de ampliar e aplicar o estudo da Literatura Popular na sala de aula, corroborando o que afirmam as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006). A partir daí, sugerir como possibilidade a inserção da disciplina Literatura Popular com os respectivos gêneros – **poesia** (Cordel, Cantoria de Repente, Poesia Matuta, Romanceiro, Cancioneiro, Trovadores Gaúchos, a poesia improvisada do Cururu etc), **prosa** (Contos Oraís, Causos, Narrativas oraís pantaneiras e amazônicas) e **teatro** (Mamulengo, Fandango, Barca, Cavalo-Marinheiro, Maracatu etc) – nas grades curriculares dos cursos de Licenciatura Plena em Letras (habilitação Língua Portuguesa).

Estamos pesquisando 19 currículos de Letras distribuídos em universidades federais e estaduais de todo o Nordeste, com ênfase aos estados de Pernambuco e Paraíba, porque esses estados concentram uma grande variedade de manifestação da arte popular. Portanto, serão avaliados três currículos para cada estado, são eles: UFPE, UFRPE, UPE, UFPB, UFCG e UEPB. Os demais correspondem aos das universidades: UFBA, UNEB, UFS, UFAL, UNEAL, UFRN, UERN, UFC, UECE, UFPI, UESPI, UFMA e UEMA. A partir desse



levantamento, faremos uma análise comparativa, observando a existência do ensino da disciplina Literatura Popular e examinando o conteúdo programático contido nas ementas dessa disciplina, cujo princípio consiste em avaliar se os três gêneros (poesia, prosa e teatro) são contemplados e como abordados nos respectivos cursos de cada instituição.

Esperávamos que as investigações permitissem não apenas revelar o que realmente é estudado da Literatura Popular nas graduações de Letras, mas observar o quanto essa arte literária tão importante para a cultura popular brasileira é valorizada e respeitada pelos cursos de Letras do Nordeste, possuindo-a como disciplina, no mínimo, optativa.

Até o momento conseguimos fazer o levantamento de 12 currículos: UFPE, UFRPE, UNEB, UFS, UFAL, UNEAL, UFRN, UECE, UEMA, UFCG, UFPB e UPE.

1. No currículo da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE não há nenhum componente curricular que aborde a Literatura Popular, nem como disciplina optativa e muito menos como obrigatória. Logo, percebemos que apesar da universidade está localizada num estado que é um celeiro de poetas e artistas populares, por ser uma universidade de ótima referência no Nordeste e no Brasil, o aluno do curso de Letras da UFPE deveria ter a possibilidade de ver e discutir sobre os textos dos mais diversos gêneros da Literatura Popular. O que dizem as OCEM (2006, p. 56-57) sobre essa literatura, nesse curso que também serve de referência, não é posto em prática. Os alunos de licenciatura em Letras da UFPE ficam sem a opção de ter o conhecimento teórico e prático sobre a Literatura Popular Brasileira e, com isso, dificilmente, vão reconhecer com propriedade essa cultura viva e levá-la à sala de aula da educação básica. Interessante notarmos que o curso de Letras da UFPE não é construído no formato de dupla licenciatura, o que facilitaria a inserção da Literatura Popular na grade, haja vista que comparado às de dupla licenciatura “sobra” mais espaço para o aluno ter mais horas aulas com relação às disciplinas específicas. Como parte do plano de trabalho do meu Pós-Doutoramento, ministrei um curso de Literatura Popular com 45 h/a na graduação de Letras da UFPE (2012.1) e a receptividade dos alunos foi muito boa, inclusive houve questionamentos por parte dos alunos do porquê não haver essa disciplina na graduação, o que possibilitou uma importante discussão sobre o tema.

Já no Programa de Pós-Graduação em Letras, ao longo dos 36 anos de existência, o PPGL na área de Teoria da Literatura entregou à comunidade acadêmica pesquisas no âmbito da Literatura Popular, são 6 dissertações e 1 tese, embora não haja no Programa uma Linha de pesquisa específica para a Literatura e Cultura Popular. Por isso mesmo é que ainda é um

número pequeno se comparado a Programas de Pós-Graduação em Letras como os da UFPB e da UFBA.

2. Do mesmo modo da UFPE, acontece com o currículo de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE em que não há nenhuma disciplina que contemple a Literatura Popular. Embora a grade seja formatada em dupla licenciatura, mesmo assim, poder-se-ia disponibilizar na grade um espaço para o aluno estudar e discutir sobre o universo da Cultura e Literatura Popular, como acontece com outros currículos de universidades com dupla licenciatura.

3. Também não há Literatura Popular no curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, cuja habilitação não é dupla, ou seja, é Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas (Brasileira e Portuguesa). Nesse curso de licenciatura, por não existir tal e segundo a sua Estrutura Curricular, não possibilita ao aluno o conhecimento teórico e prático do vasto campo da Literatura Popular.

4. Outro curso que também não disponibiliza ao aluno a discussão e estudo sobre a Literatura Popular é o de Licenciatura Plena em Letras (Português) da Universidade Federal de Sergipe – UFS, mesmo o curso não sendo de dupla licenciatura, ainda sim, não há inclusão dessa disciplina na grade curricular.

5. No curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, também não existe a disciplina Literatura Popular. O curso também é de licenciatura única.

6. Com relação ao curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, também não existe a disciplina Literatura Popular, nem no curso de licenciatura única e muito menos no de dupla licenciatura.

7. Noutro curso de Letras, o da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, também não existe a disciplina Literatura Popular, mesmo os cursos sendo na modalidade de licenciatura única.

8. No curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará – UECE, também não existe a disciplina Literatura Popular, nem no curso de licenciatura única e muito menos no de dupla licenciatura.

9. Em outro curso de Letras, o da Universidade Estadual do Ceará – UEMA, também não existe a disciplina Literatura Popular, mesmo tendo o curso de licenciatura única.

Até onde pesquisamos todas essas universidades acima correspondem a 75% (setenta e cinco por cento) dos cursos que não disponibilizam para o seu aluno o ensino dos gêneros da Literatura Popular. Esses cursos perdem de trabalhar, por exemplo, a versatilidade da

Literatura de Cordel na sala de aula, que de acordo com Pinheiro e Lúcio (2012, p. 129-133) são várias as sugestões de atividades:

- 1) Leitura oral dos folhetos de cordel [...];
- 2) [...] variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados, relatos históricos, imaginários e tantas outras coisas mais;
- 3) [...] realização de *jogo dramático*;
- 4) [...] discutir e trabalhar as ilustrações típicas dos folhetos, que são as *xilogravuras*;
- 5) Os cordéis podem ser cantados;
- 6) [...] realização de uma Feira de Literatura de Cordel;
- 7) [...] ilustrar livremente algumas narrativas ou parte delas;
- 8) Trabalhar com a criação.

Muitos poemas do Romantismo brasileiro oferecem possibilidades de diálogos com os textos populares como nos mostra Silva (2007) que segundo ele o “Romantismo tem por uma de suas características a inspiração na cultura popular” (p. 38).

Dessa forma, não tendo a Literatura Popular na grade curricular, esses cursos deixam de valorizar uma grande parte da nossa cultura popular, que segundo as DCCL (2001) os cursos de Letras devem “formar profissionais **interculturalmente** competentes, capazes de lidar, de forma crítica, com as **linguagens**, especialmente a verbal, nos contextos oral e escrito, e conscientes de sua inserção na sociedade e das relações com o outro.” Como os próprios autores destacam, os futuros professores de Letras precisam ter uma formação intercultural e aptos a compreenderem de maneira crítica as mais diversas linguagens presentes nas variadas culturas, inclusive a popular. Por isso a importância dos cursos de Letras possuem como modelo de compromisso esse tipo de formação, uma vez que as obras dos críticos e historiadores da Literatura Brasileira não contemplam a Literatura Popular (gêneros, obras e autores).

10. Já no curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG existe a disciplina Literatura Popular. A disciplina é optativa, com 60 h/a, que embora a ementa contemple a poesia e a prosa (cordel, poesia de repente, conto popular), fica de fora a rica manifestação do teatro popular. Mesmo sendo como optativa, percebe-se que o curso de Letras dessa universidade se preocupa com a formação intercultural. Os trabalhos voltados para a Literatura Popular, do Prof. Dr. José Hélder Pinheiro, destacam-se no âmbito da graduação e da Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, que, dentre outras pesquisas, tal professor busca orientar trabalhos que abordem o estudo crítico e o ensino da Literatura Popular, com ênfase para a Literatura de Cordel.

11. No curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, cuja habilitação não é dupla, ou seja, é Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas (Brasileira e Portuguesa). Na grade curricular do curso de licenciatura possui a disciplina Literatura Popular como optativa, com 60 h/a. De acordo com a ementa da disciplina, os gêneros poesia, narrativa e teatro (texto dramático) são contemplados, embora nem todo semestre seja ofertada ao aluno. No âmbito da Pós-Graduação em Letras-UFPB merecem destaque as pesquisas no Mestrado e no Doutorado, onde a Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio desenvolve trabalhos sobre cultura popular e literatura brasileira e africana. Também carecem destaque as pesquisas da Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria de Fátima B. de Mesquita Batista que coordena o Programa de Pesquisa em Literatura Popular – PPLP, onde desenvolve com muita intensidade, competência e qualidade, pesquisas que abordam os mais diversos textos populares, tanto na Linha de pesquisa *Estudos semióticos* quanto na de *Memória e produção cultural*. O PPLP/UFPB é uma referência nacional, professores e estudantes de vários estados do país buscam no PPLP informações sobre o universo da Literatura Popular. Dessa forma, mesmo sem uma disciplina de Literatura Popular obrigatória, o curso de Letras da UFPB busca valorizar a cultura popular, trazendo para o aluno referências importantes para o desenvolvimento profissional do futuro professor. Também devem ser destacadas as pesquisas no Mestrado e Doutorado da Pós-Graduação em Linguística-Proling-UFPB, com a Prof.<sup>a</sup> Dra. Beliza Áurea que desenvolve trabalhos na Linha de pesquisa *Oralidades e Escrituras* e com as Professoras Dra. Maria Claurênia Abreu e Dra. Maria Ignez Ayala onde desenvolvem pesquisas na Linha de pesquisa *Oral/escrito: formas institucionais e não-institucionais de ensino*.

12. Já na Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte, no currículo de Letras da Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata – FFPNM, a Literatura Popular é ofertada ao aluno há três anos como disciplina optativa de 30 h/a, mesmo sendo de dupla licenciatura. O curso passou recentemente por uma reestruturação curricular e o Departamento de Letras aprovou a inclusão, nessa nova grade, da disciplina Literatura Popular, sendo, portanto, o primeiro curso de Letras do Brasil a implantar essa disciplina como OBRIGATÓRIA. Com base nos estudos teóricos acerca da Oralidade Literária, Cultura Popular, Memória, Identidade Cultural, Teoria Curricular, Imaginários Sociais (Mito, Utopia) Ideologia, PCN, OCEM e na perspectiva da Literatura e Ensino, o curso da FFPNM-UPE visa mostrar ao aluno a importância e como é o universo da Literatura Popular. A disciplina tem um olhar especial para a produção das mulheres cordelistas, repentistas, contadoras,

romanceiras, tudo numa perspectiva da teoria e prática (leituras e análises das obras populares). São três disciplinas, sendo uma obrigatória de 30 h/a e duas optativas, com 30 h/a cada. A obrigatória aborda os estudos teóricos que possibilitam o aluno estudar de uma forma crítica o texto popular e as optativas visam mostrar através dos estudos teóricos os gêneros, obras e autores.

Como vimos, os cursos de Letras que contém a disciplina Literatura Popular nas suas respectivas grades curriculares correspondem apenas a 25% (vinte e cinco por cento) dos currículos que disponibilizam para o seu aluno o ensino dos gêneros dessa Literatura. Nesses cursos, caso o aluno queira optar por pagar a eletiva, terá a oportunidade de perceber a diversidade e beleza poética existente no universo da Literatura Popular e, assim, ele poderá levar todo o conhecimento adquirido durante a aula para sua prática profissional. De acordo com nossa visão, isso é um ganho para nossa cultura em geral, porque, numa perspectiva literária e cultural, esses cursos (25%) valorizam a interculturalidade, ao contrário dos cursos anteriores (75%) que não atendem satisfatoriamente a visão intercultural que o graduando deve adquirir ao longo do curso, segundo o que está previsto nas DCCL (2001).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Literatura Popular apresenta-se de forma bastante ampla, com diferentes gêneros literários. Também apresenta uma dupla modalidade oral e escrita, que direta ou indiretamente representa a produção cultural de povo, conforme salienta Hermano Rodrigues (2006). Na *prosa*, temos o conto popular, as lendas, as fábulas, as adivinhações, causos, em geral são anônimos e oralmente transmitidos, tradicionalmente pertencem ao folclore; No *verso* escrito, temos o cordel que inclusive pode ser cantado, indicando influência da oralidade, ou seja, tem suas raízes no metro popular (medida velha). No *verso* feito a partir da oralidade, temos a embolada, a cantoria de repente, o romanceiro e o cancionero – as cantigas populares e suas variedades que, de certa forma, nos remetem às Cantigas Trovadorescas que se dividem em gêneros lírico amoroso (cantigas de amigo e de amor) e lírico satírico (cantigas de escárnio e de maldizer). No *teatro popular*, nós temos, por exemplo, o mamulengo em que o texto pode ser uma criação própria do mamulengueiro ou adaptado a partir do cordel ou ainda improvisado dependendo da circunstância da apresentação.

Por tudo isso é que há uma preocupação de existir, na graduação em Letras, a disciplina Literatura Popular para que os graduandos (futuros professores) consigam entender

a estética e o processo de construção dessa literatura que é responsável por grande parte da nossa memória e identidade cultural. Pelo que foi observado anteriormente, até onde pesquisamos, vimos que a maioria dos cursos de Letras do Nordeste não tem o compromisso com o ensino da Literatura Popular, nem como optativa e nem como obrigatória. Isso revela o quanto nossos cursos de Letras não dialogam o erudito com o popular; na perspectiva da literatura, esses cursos não põem em prática a interculturalidade e a “circularidade cultural” proposta por Bakhtin (1999).

Portanto, nos cursos de Letras, ao se trabalhar um *corpus* que tem como conteúdo os gêneros da Literatura Popular que estão presentes na literatura, na cultura popular, no folclore e que se desenvolvem dentro da oralidade e também da escrita, se faz necessário esclarecer e observar os conceitos e características de cada gênero (poesia, prosa e texto dramático popular) para que o leitor/aluno consiga perceber e valorizar essa arte popular, especialmente o estudante do curso de Letras.

#### 4. REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 1983.
- AYALA, Maria Ignez Novais. Aprendendo a Apreender a Cultura Popular. In: PINHEIRO, Hélder (Org.). **Pesquisa em Literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003. p. 83-119.
- \_\_\_\_\_. **No arranco do grito: aspectos da cantoria nordestina**. São Paulo: Ática, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora EDUnB, 1999.
- BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita e SANTOS, Idelette Fonseca dos (Orgs.). **Cancioneiro da Paraíba**. Registros musicais de Maria Alix Nóbrega Ferreira de Melo; prefácio de Braulio do Nascimento; comentário de Luiz Oliveira Maia. João Pessoa: GRAFSET, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O Romancero Tradicional no Nordeste do Brasil: uma abordagem semiótica**. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística. São Paulo: USP, 1999.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Poética popular do Nordeste**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

BRADÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 6. reimpr. da 13. ed. de 1994. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

BOSI, Alfredo. Cultura como Tradição. In: BORNHEIM, Gerd [et al.]. **Cultura Brasileira: Tradição/Contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funart, 1987. p. 31-58.

\_\_\_\_\_. **Dialética da Colonização**. 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL, MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia**. Parecer CNE/CES 492/2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 26 Jan. 2011.

BRASIL, MEC. **Diretrizes Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Parecer CNE/CP 009/2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>>. Acesso em: 10 Fev. 2011.

BRASIL, MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 15 Jan. 2010.

BRASIL, MEC. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Linguagens Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 1999.

BRASIL, MEC. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2002.

BRASIL, MEC. **Retificação do Parecer CNE/CES 492/2001, que trata da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia**. Parecer CNE/CES 1363/2001. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2001/pces1363\\_01.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2001/pces1363_01.pdf)>. Acesso em: 26 Jan. 2011.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAMPOS, Lindoaldo. **ABC da poesia: inspiratividades com palavras**. Natal: Sebo Vermelho, 2010.

- CARVALHO, Marcos Aurélio Gomes de (Marco di Aurélio). **Com-Caso**. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2003.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Cinco livros do povo**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- \_\_\_\_\_. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Vaqueiros e Cantadores**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1939.
- CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. In: **Estudos Históricos: Cultura e História Urbana**. Revista do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, n. 16. Rio de Janeiro, 1995. p. 179-172.
- CINALLI, Ricardo. **Teatro Popular**. São Paulo: Ed. Impsat, 2000.
- DUNDES, Alan. **Morfologia e estrutura do conto folclórico**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Cordel e a ideologia da punição**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FILHO, Hermilo Borba. **Espetáculos Populares do Nordeste**. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2007.
- FRANÇA, Marcos Antonio Pessoa de. **Para rir até chorar... com a cultura popular**. João Pessoa: Felipéia, 2006.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Trad. de Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Versos, sons, ritmos**. 14. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Ática, 2008.
- HOLANDA, Lourival. **Álvaro Lins: ensaios de crítica literária e cultural**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LEITE, Lígia Chiappini M. Teoria da literatura e ensino de literatura: caso brasileiro. In: \_\_\_\_\_. **Invasão da Catedral: literatura e ensino em debate**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 52-65.
- \_\_\_\_\_. **Reinvenção da catedral: língua, literatura, comunicação, novas tecnologias e políticas de ensino**. São Paulo: Cortez, 2005.



- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 4. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- LIMA, Aldo de. **Políticas educacionais e ensino de literatura brasileira**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.
- LIMA, Rossini Tavares de. **A ciência do folclore**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LINS, Osman. **Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros**. São Paulo: Summus Editorial, 1976.
- LOPES, José de Ribamar. **Cordel – Mito e Utopia**. São Luís: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 1996.
- LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura de cordel**. 1. reimpr. da 1. ed. de 2005. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.
- MARINHO, Ana Cristina e PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.
- MAXADO, Franklin. **Cordel, xilogravura e ilustrações**. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.
- MEDEIROS, Irani. **Leandro Gomes de Barros: No Reino da Poesia Sertaneja**. João Pessoa: Idéia, 2002.
- MURPHY, John Patrick. **Cavalo-marinho Pernambucano**. Trad. André Curiati de Paulo Bueno. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- NASCIMENTO, Bráulio do. **Estudos sobre o romanceiro tradicional**. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Estudos sobre o conto popular**. São Paulo: Terceira Margem, 2009.
- PIMENTEL, Altimar. **Barca**. João Pessoa: FIC Augusto dos Anjos, 2004.
- PINHEIRO, Hélder. Reflexões sobre o livro didático de literatura. In: BUNZEN, Clecio e MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Português no ensino médio e formação de professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 103-116.
- \_\_\_\_\_. (Org). **Pesquisa em literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- PINHEIRO, Hélder e LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.
- PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Trad. do russo de Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- QUIRINO, Jessier. **Berro Novo**. Ilustrações de Shiko. Recife: Bagaço, 2009.

RODRIGUES, Hermano de França. **Expressões da identidade cultural do homem nordestino nas narrativas tradicionais de valentia**: uma abordagem semiótica. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa: UFPB, 2006.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

SILVA, Josivaldo Custódio da. **Literatura de Cordel**: um fazer popular a caminho da sala de aula. Dissertação de Mestrado em Letras. João Pessoa: UFPB, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pérolas da Cantoria de Repente em São José do Egito no Vale do Pajeú**: Memória e Produção Cultural. Tese de Doutorado em Letras. João Pessoa: UFPB, 2011.

SIQUEIRA, João Batista de. **Palavras ao Plenilúnio**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

SOBRINHO, José Alves. **Cantadores, repentistas e poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memórias de lutas**: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930). São Paulo: Global, 1983.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. Conhecimentos escolares e a circularidade entre culturas. In: LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elizabeth (Orgs.). **Currículo**: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002, p. 150-173.

VIEIRA, César. **Em busca do Teatro Popular**. Rio de Janeiro: Funarte, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. Trad. de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Introdução à poesia oral**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira [et al.]. São Paulo: Hucitec, 1997.